



## A PEDAGOGIA CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO PRESENTE NA PRODUÇÃO DE FITOTERÁPICOS NA AMAZÔNIA

Reinaldo Eduardo da Silva Sales<sup>1</sup>

GT4 - Educação Rural/do Campo

### RESUMO

Este texto tem como objetivo perceber qual a relação entre educação e cultura a partir da produção de fitoterápicos por mulheres na Amazônia. Para tanto mobiliza o conceito de pedagogia cultural para demonstrar que há uma intrínseca relação entre educação e cultura, sobretudo entre os povos tradicionais da Amazônia. Metodologicamente é uma reflexão teórica embasada pelas discussões do Grupo de Pesquisa em Cooperativismo, Economia Solidária e Desenvolvimento Rural Sustentável da Amazônia e na nossa experiência no cotidiano da problemática. Os fitoterápicos são uma tecnologia social que se relaciona com a educação não somente porque implica em um processo de aprendizagem, mas porque também está situado dentro de uma pedagogia cultural que produz saberes em diferentes tempos e espaços formativos. Este conhecimento é milenar, coletivo, holístico e sofisticado porque detém um conjunto muito rico de saberes. A produção e compartilhamento desse conhecimento se dá especialmente pelas mulheres que desenvolvem ferramentas educativas para sua manutenção. Por isso, é importante reconhecer e valorizar os saberes dos povos tradicionais, cujas implicações não são apenas na saúde, mas também pedagógicas, uma vez que educam enquanto cuidam.

**Palavras-chave:** Fitoterápicos. Mulheres. Pedagogia cultural. Saberes Tradicionais.

### ABSTRACT

This text aims to understand the relationship between education and culture based on the production of herbal medicines by women in the Amazon. Therefore, it mobilizes the concept of cultural pedagogy to demonstrate that there is an intrinsic relationship between education and culture, especially among the traditional peoples of the Amazon. Methodologically, it is a theoretical reflection based on the discussions of the Research Group on Cooperatives, Solidarity Economy and Sustainable Rural Development in the Amazon and on our daily experience of the problem. Herbal medicine is a social technology that is related to education not only because it involves a learning process, but also because it is situated within a cultural pedagogy that produces knowledge at different times and training spaces. This knowledge is ancient, collective, holistic and sophisticated because it holds a very rich set of knowledge. The production and sharing of this knowledge takes place especially by women who develop educational tools for its maintenance. Therefore, it is important to recognize and value the knowledge of traditional peoples, whose implications are not only in health, but also pedagogical, since they educate while providing care.

**Keywords:** Cultural pedagogy. Herbal medicines. Traditional knowledge. Women.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes. Professor do Instituto Federal do Pará. Membro dos Grupos de Pesquisa: Cooperativismo, Economia Solidária e Desenvolvimento Rural Sustentável (GECOOPES/CNPQ/IFPA) e do Núcleo Diadorim de Estudos de Gênero (NDEG/CNPq/UNIT). ORCID: 0000-0001-9547-8098. Email: mestrado\_reinaldoes@souunit.com.br.



## INTRODUÇÃO

As reflexões trazidas neste artigo são parte de um projeto desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa em Cooperativismo, Economia Solidária e Desenvolvimento Rural Sustentável da Amazônia (GECOOPES/CNPq/IFPA) cujas discussões, em certa medida, embasaram nosso projeto de ingresso do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT)<sup>2</sup>. Estas discussões são estruturantes para a construção de nossa pesquisa ao relacionar a pedagogia cultural com os conhecimentos produzidos e compartilhados sobre fitoterápicos. Diante disso, o objetivo deste texto é perceber qual a relação entre educação e cultura a partir da produção de fitoterápicos por mulheres na Amazônia. Metodologicamente, é um texto teórico que além das discussões neste grupo de pesquisa também nos serve de nossa experiência no cotidiano da problemática.

Ao longo de sua trajetória na Terra, o ser humano percebeu que algumas plantas possuem poder curativo, sendo sua utilização uma prática que vem desde as primeiras civilizações. Para Badke *et al.* (2011), o uso de plantas medicinais, cujo processo de transformação dá origem aos fitoterápicos, foi o principal recurso terapêutico utilizado para tratar das enfermidades nas primeiras sociedades, não estando somente relacionada à saúde, como também a elementos religiosos, ambientais e culturais.

A produção e a reprodução dos conhecimentos sobre plantas medicinais é uma prática secular entre várias sociedades, cuja manutenção desses saberes representa a própria manutenção da sua identidade como grupo social, relacionando-se às histórias, tradições culturais e cosmovisões das diferentes comunidades. Por isso, é importante considerar que os saberes tradicionais sobre fitoterápicos precisam ser mantidos e valorizados. Para Toledo e Barrera-Bassols (2015), a transmissão desses conhecimentos ocorre pela memória e pela tradição oral, fato que nem sempre é considerado pelo saber científico.

No caso da Amazônia, esses saberes têm se perpetuado como uma prática cultural ao longo dos tempos, representando uma relação simbiótica dos sujeitos com seu ambiente (FLOR; BARBOSA, 2015). Flor e Barbosa (2015), também demonstram que o uso de

---

<sup>2</sup> Desde nosso ingresso neste programa a proposta de pesquisa tem sido consideravelmente influenciada pelas discussões interculturais, decoloniais e de gênero trazidas a partir do Núcleo Diadorim de Estudos de Gênero (NDEG/CNPq/UNIT).



fitoterápicos constitui importante recurso local para a saúde e sustentabilidade do meio ambiente, além de ser uma forma de sociabilidade entre os sujeitos. No processo de produção dos fitoterápicos, os conhecimentos são compartilhados para as atuais gerações e incorporados àqueles já preexistentes, garantindo sua reprodução social.

É importante considerar que, para a pedagogia cultural, as relações de ensino e aprendizagem estão presentes e marcam múltiplas dimensões da vida, como é o caso da produção de fitoterápicos. De acordo com Andrade; Costa (2015), a articulação entre pedagogia e cultura foi consideravelmente analisada por Stuart Hall desde a década de 1960 na Inglaterra chegando ao Brasil em meados da década de 1990. Este campo de conhecimento, também conhecido por Estudos Culturais, produz uma rede de significações relacionando educação com cultura, trabalho e relações de gênero. Foi neste cenário que o conceito de *pedagogias culturais* emergiu como uma potente ferramenta teórica acionada para discutir a relação entre cultura e processos educativos, fato que nos motivou a escrever esta reflexão teórica.

## A PRODUÇÃO DE FITOTERÁPICOS

Desde os primórdios, o ser humano busca na natureza recursos para melhorar sua condição de vida, estabelecendo uma interação muito forte com as plantas, há muito tempo utilizadas para finalidades medicinais, aromáticas e condimentares (GIRALDI; HANAZAKI, 2010). De acordo com Lopes, Facco e Campos (2016), a utilização de plantas para fins terapêuticos, como é o caso dos fitoterápicos, incorpora usos e costumes próprios e detém um rico conhecimento popular de diferentes povos ao redor do mundo. O emprego dessa tecnologia social é considerado a primeira forma de cura existente na história.

Definem-se plantas medicinais àquelas que possuem princípio bioativo como propriedades profiláticas ou terapêuticas, em geral extraídas de folhas, cascas, raízes ou flores. Seu uso ainda é o meio mais comum e acessível de terapia, se não o único, de grande parte dos povos do campo, das águas e das florestas, sobretudo na Amazônia Paraense (FLOR; BARBOSA, 2015).

Para Diegues *et al.* (1999), mesmo antes da chegada dos colonizadores, os



indígenas já possuíam sistema de saúde próprio, e as plantas medicinais eram um importante elemento desse sistema. Em uma relação de pertencimento e dependência com a natureza, estes povos eram detentores de conhecimentos sobre cultivos e ciclos da natureza já que dependiam diretamente dela para a sobrevivência, como época de plantio e colheita, pesca e o saber sobre a produção de fitoterápicos extraído a partir das plantas medicinais.

Quando os colonizadores europeus chegaram ao Brasil encontraram métodos terapêuticos naturais praticados pelos povos nativos, sobretudo com o uso das plantas medicinais abundantes no ecossistema. Entretanto, com o passar dos tempos, a exploração desordenada proveniente, principalmente pelos ciclos econômicos trouxe a perda de grande parte da rica biodiversidade, o que implicaria em novas e diversas formas de convivência da população local com o seu ambiente (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

O uso de plantas para fins medicinais é uma tecnologia social que faz parte da cultura de muitos povos, e na Amazônia é a forma mais comum e acessível de terapia de grande parte dos povos do campo, das águas e das florestas (TEIXEIRA, 2011). Além disto, Badke *et al.* (2012) e Mera *et al.* (2018) sustentam que muitos fatores contribuem para o emprego dos fitoterápicos, entre eles, a falta e o alto custo dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da população à assistência médica oferecida pelo Estado e a tendência ao uso de produtos naturais, principalmente nas comunidades do interior do estado do Pará.

Dentre tantas práticas oriundas da cultura popular, o emprego de plantas para fins medicinais tem papel importante, por inúmeras razões, entre elas, seu potencial curativo, a conservação da natureza, a manutenção dos saberes tradicionais ao longo das gerações e o estabelecimento de redes de cuidado e sociabilidade entre os sujeitos. Em seu modo de vida, os povos tradicionais fazem uso equilibrado e sustentável dos recursos naturais sem comprometer seus princípios de funcionamento e sem colocar em riscos às condições de reprodução dos ecossistemas, cujos conhecimentos são mantidos e compartilhados com as novas gerações por meio de um processo de aprendizagem que serve como mecanismo de fortalecimento de identidade e permanência da comunidade ao longo do tempo (LIMA *et al.*, 2018).

De acordo com Amaral (2016, p. 168)

É importante destacar a relação dos moradores com o meio natural as condições de exploração da natureza que tem influência no seu modo de



vida, sem esquecer, é claro, daquela que resulta das relações sociais intra e inter locais (...) Assim, ao interagirem cotidianamente com os cursos d'água e com a floresta, engendram primoroso repertório de conhecimento ecológicos, individuais ou coletivos – sobre os territórios e os ciclos da natureza – e elaboram atividades que articulam elementos técnicos e simbólicos.

O uso de fitoterápicos nos leva a perceber o quão é complexo o processo de produção de conhecimento (domínio dos ciclos da natureza, princípios bioativos, classificações etnobotânicas, preparo, usos e fins). Muitas vezes esses saberes são vistos genericamente e de modo simplista como atividade de “coleta” no contexto dos povos tradicionais. No entanto, trata-se de um conhecimento especializado, fruto de um longo histórico de uso de certas plantas por esses povos, que transforma e diversifica paisagens e espécies. Tais conhecimentos permitem manejar e conservar os recursos da floresta a partir de sofisticadas técnicas atreladas a mecanismos simbólicos e ontológicos (LIMA *et. al.*, 2018).

As sabedorias sobre fitoterápicos foram historicamente construídas, refinadas e aperfeiçoadas, o que gerou uma farmacopeia natural que se encontra na memória de seus moradores, sobretudo, entre as mulheres.

## **CONHECIMENTO E PEDAGOGIA CULTURAL PRESENTE NA PRODUÇÃO DOS FITOTERÁPICOS**

Segundo Shiva (2001) nas últimas décadas vem ocorrendo uma desvalorização do conhecimento e das economias locais, em virtude da consequente criação de monopólios capitalistas para o uso comercial da diversidade biológica, sob a alegação da novidade no fabrico de fármacos. Entretanto este conhecimento é milenar, coletivo, sofisticado e não pode ser comercializado por um pequeno grupo de empresas. Os sistemas de cura baseados em plantas são ao mesmo tempo populares e especializados porque detém um conjunto muito rico de saberes sobre o ecossistema.

De acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2015), as comunidades tradicionais possuem um vastíssimo repertório de conhecimentos que foram construídos ao longo de sua história com a natureza, sobretudo com as plantas medicinais para a produção de fitoterápicos. Esse conjunto de saberes e práticas humanas sobre a natureza representa sua memória



biocultural, cuja aprendizagem se dá pela observação e experimentação, sendo sua transmissão realizada pela tradição oral de geração em geração. Tal conhecimento é local, coletivo e holístico e revela um formidável mecanismo de memorização e a permanência destes saberes ao longo do tempo.

A medicina tradicional não utiliza do conhecimento para acumular ilimitadamente lucros e riquezas privadas, ao contrário, compartilham tudo o que receberam porque entendem que a natureza os presenteia com a “a dádiva do saber”. A produção e compartilhamento desse conhecimento se dá, especialmente, pelas mulheres que desenvolvem ferramentas educativas para a manutenção destes saberes. O controle do conhecimento e seus direitos precisam ser fortalecidos para que os alicerces da conservação da biodiversidade sejam sólidos e profundos. Esse fortalecimento deve ser feito por meio de ações locais e globais (SHIVA, 2001).

Os fitoterápicos são uma tecnologia social que se relaciona com a educação não somente porque implica em um processo de aprendizagem, mas porque também está situado dentro de uma pedagogia cultural que opera na formação de subjetividades produzindo saberes em diferentes tempos e espaços formativos (ANDRADE; COSTA, 2015).

Andrade e Costa (2015, p. 55) argumentam que no contexto da pedagogia cultural, a produção de fitoterápicos é

Uma ferramenta que permite mostrar quais e como outros espaços, para além da escola, produzem ações do sujeito, o subjetivam e o conduzem; um processo também entendido como educativo, mas cujos objetivos são distintos daqueles da educação promovida mediante o desenvolvimento de experiências curriculares na escola.

Para Santos (2005) os saberes culturais são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações, construídos com sentido de pertencimento, marcados pelas formas de viver e compreender o mundo. São produzidos no meio social em que se vive e se relaciona, por isso, são resultados de um processo educacional intergeracional.

Badke *et al.* (2012), inclusive, argumentam que o uso terapêutico das plantas se constitui como prática milenar, historicamente construída na sabedoria do senso comum que



articula cultura, saúde e educação, uma vez que esses aspectos não ocorrem de maneira isolada, mas inseridos num contexto social e histórico determinado, sobretudo, entre os povos tradicionais como pescadores e quilombolas.

Essa prática cultural implica em um processo educacional porque está relacionada a conhecimentos e aprendizagens, refletindo nos comportamentos de determinado grupo social. Por isso, a educação, enquanto saber cotidiano, está vinculada às práticas culturais dos povos tradicionais porque mobiliza informações, conhecimentos e saberes (CÂNCIO; ARAÚJO, 2016). Para Charlot (2000), a educação é construída a partir da história das atividades humanas, submetida aos processos coletivos de produção, transmissão e aprendizagem. Por isso, analisar a relação com o saber implica em estudar o sujeito submetido à condição de aprendiz, em um mundo que ele partilha com outros.

Lopes, Facco e Campos (2016), destacam que muitas comunidades tradicionais possuem uma vasta farmacopeia natural, em boa parte proveniente dos recursos vegetais abundantes no meio natural em que vivem. Para Silva *et al.* (2019), esses grupos humanos apresentam sabedorias sobre plantas medicinais devido ao vasto campo de experimentação empírica, absorvidos de outras culturas com quem tiveram contato e/ou recebidas de seus ancestrais via tradição oral, função principalmente atribuída às mulheres na cultura amazônica.

De acordo com Chaves *et al.* (2018), na Amazônia, a dificuldade de acesso a médicos e/ou remédios industrializados devido a distâncias geográficas ou por sua indisponibilidade, principalmente em áreas rurais, faz com que as pessoas quando precisam curar alguma enfermidade, utilizem os fitoterápicos.

Além disso, valorizar a produção de fitoterápicos é importante tanto do ponto de vista ambiental como também sociocultural. Ambientalmente, essa produção é importante porque o emprego de fitoterápicos não só cura as pessoas como também estabelece uma forte proteção à natureza.

Os conhecimentos sobre o ecossistema, por parte dos povos tradicionais, se caracterizam pela heterogeneidade e pelo alto nível de especialização. Esse importante patrimônio biocultural vem sendo colocado em risco diante das ameaças socioambientais provocadas por fatores ecológicos, políticos e econômicos, respaldados pela crescente lógica



da modernização nos espaços rurais e pelo uso “eficiente” da natureza, na expansão da fronteira agrícola sobre paisagens bioculturais, que desconsideram os conhecimentos locais e sua consequente manutenção dos ecossistemas (LIMA *et. al.*, 2018). Para Diegues *et al.* (1999), o uso da medicina tradicional implica uma relação de pertencimento e de dependência da natureza. Além do mais, garante que os saberes locais não sejam perdidos ao longo do tempo, e a sustentabilidade seja mantida.

Para Chaves *et al.* (2018), o conhecimento sobre fitoterápicos acumulado pelas comunidades tradicionais, têm contribuído como poderosa ferramenta para o planejamento, manutenção e conservação da biodiversidade. O compartilhamento desses saberes locais deve-se, sobretudo, às mulheres que assumem essa responsabilidade.

De acordo com Basílio (2006), os saberes tradicionais são produzidos localmente pelas comunidades e estão relacionados às suas construções culturais, decorrentes da maneira como cada povo vive e representa seu universo sociocultural. Para Geertz (1997, p. 95) os saberes locais se manifestam “através de uma série de formas simbólicas facilmente observáveis e um repertório elaborado de designações”. Todo universo de saberes, como aspectos simbólicos, materiais e/ou produtivos (mitos, música, artes, artesanato, agricultura, arquitetura, economia, política) têm sua origem na localidade. Estas são construções dos povos tradicionais que funcionam à luz de sua cultura sendo, portanto, saberes locais (BASÍLIO, 2006).

O estudo dos saberes locais visa compreender as formas como os povos tradicionais organizam e dão significado ao seu território, ordenam seus discursos, norteiam seu comportamento, produzem e compartilham seus conhecimentos. Para Basílio (2006), estes saberes estão ligados à cultura e à vida das pessoas. São processo/produto das informações localizadas nos grupos humanos e servem para a definição de um padrão de vida cotidiana. Eles são produzidos pelas comunidades para sua transmissão e aprendizagem às gerações vindouras.

Estas práticas culturais, principalmente na Amazônia, são produzidas e reproduzidas por um coletivo de mulheres. Elas detêm um grande acúmulo de conhecimentos e saberes sobre a produção e manejo das plantas úteis não só para terapias, como também para condimentos e aromas. Associado ao uso das plantas medicinais está o domínio do território,





sua organização de trabalho e o uso que fazem do próprio corpo, engendrando um processo educativo intercultural, aspectos que pretendemos tratar em futura pesquisa<sup>3</sup>.

## A RELAÇÃO ENTRE FITOTERÁPICOS, CONHECIMENTO E GÊNERO

O conhecimento sobre plantas medicinais é uma prática cultural que empodera os saberes tradicionais e é inerente ao modo de vida das comunidades, em especial mulheres, que vivem em uma expressiva proximidade dos elementos naturais, que, muitas vezes, seu cotidiano se mistura aos ritmos e dinâmica dos mesmos (MERA, *et al.*, 2018).

Para Modro *et al.* (2015), os fitoterápicos interagem de maneira significativa com os aspectos ambientais, econômicos e sociais, atendendo as mais variadas dimensões da sustentabilidade. Seu uso valoriza a cultura das comunidades, ajuda no processo de conservação da natureza, cria redes de sociabilidade e fortalece a identidade do grupo.

Sobre a participação da mulher nas sociedades tradicionais da Amazônia, os estudos de Motta-Maués (1993) e de Cardoso (2007) demonstraram, que ela assume importantes funções sociais no lar e extra-lar (esposa, mãe, dona de casa, pescadora e cuidadora da saúde dos membros da família), ainda que na maioria das vezes essas atribuições sejam naturalizados ou invisibilizados. Para realizá-los, ela precisa ter variados conhecimentos do bioma para manejar adequadamente os recursos naturais e suprir suas necessidades.

Segundo Maneschy (2001), nas comunidades tradicionais são as mulheres as responsáveis pela saúde da família. Daí serem elas quem mais possuem conhecimento sobre essas plantas, sendo, portanto, um processo educativo que gera respeito e valorização da cultura e dos saberes locais, empodera o conhecimento tradicional e ainda garante a manutenção da diversidade cultural. No processo de construção desse conhecimento e na sua transmissão intergeracional criam-se vínculos de cuidado e confiança entre as mulheres e os usuários dos fitoterápicos que, ao promover sociabilidade e afeto, podem impactar

---

<sup>3</sup> A tese (ainda em processo de maturação) que pretendemos desenvolver no PPED/UNIT é que por meio da defesa do território, da organização do trabalho e do uso que fazem do próprio corpo, a mulher amazônica estabelece um processo educativo Intercultural.



diretamente no processo de cura da pessoa.

Nos cuidados com a saúde e a produção de fitoterápicos, o aprendizado destes saberes por mulheres

Começa muito cedo, quando pequenas as meninas acompanham as atividades das mães e das irmãs. Ao longo do processo de aprendizagem, os conhecimentos podem ser, também, passados de sogra para nora. Após a construção dos saberes, eles são compartilhados, em sua maioria, entre outros parentes, vizinhas e amigas por meio de relação de trocas (MACHADO, 2012 *apud* SILVA *et al.*, 2019, p. 78).

Estudos realizados por Teixeira *et al.* (2011), demonstraram que nas comunidades da Amazônia paraense, a medicina tradicional é usada para tratar de problemas cotidianos como a amamentação, alimentação e patologias comuns na infância. Quando as práticas de saúde tradicionais obtêm resultados positivos, elas são transmitidas como verdades, de geração a geração, via tradição oral. Em vista disso, é importante reconhecer e valorizar os saberes dos povos e comunidades tradicionais, cujas implicações não são apenas na saúde, mas também pedagógicas, uma vez que educam enquanto cuidam.

A educação, enquanto aspecto holístico do ser humano, está intimamente ligada com a cultura, o contexto e fatores histórico-sociais. Por isso, a articulação entre cultura e educação é fundamental para a compreensão do sujeito, da mesma forma que os saberes e as práticas culturais de cada sociedade são essenciais para a construção do conhecimento a respeito de si, de sua comunidade e dos outros sujeitos que a compõem (CÂNCIO; ARAÚJO, 2016).

De acordo com Imbernóm (2000), para o senso comum a educação tende a ser compreendida como preparação para a vida adulta, para o trabalho ou para seguir adquirindo cultura. A interlocução entre cultura e educação é indissociável no processo de construção do conhecimento, como já destacaram Hall (1997), Imbernón (2000) e Charlot (2000). Por isso, a escola é uma possibilidade de viver a cultura, mas não a única, pois a educação prepara para participar do mundo na medida em que possibilita a aprendizagem dos saberes culturais. No entanto, cabe considerar que há relações de poder nos saberes socialmente institucionalizados, como naqueles ensinados nas escolas, razão pela qual estes são mais aceitos e os saberes locais sofrem um processo de rejeição e menosprezo.



Segundo Basílio (2006), os saberes locais não têm um método estruturado que possa regular a pedagogia local como o saber escolar, contudo há procedimentos eficazes para a sua difusão. Enquanto a transmissão do saber escolar é programada, a do saber local acontece de forma espontânea na vida cotidiana ou em eventos significativos na comunidade. Entretanto, a falta do método sistemático não retira a rigorosidade ética na difusão desses saberes, cujo compartilhamento mesmo não sendo sistemático é eficiente e gera aprendizado nos sujeitos.

Pesquisa realizada por Silva *et al.* (2019), com mulheres erveiras demonstrou que o momento mais comum no compartilhamento dos conhecimentos sobre os fitoterápicos é durante a fabricação dos remédios a partir das plantas. Dentre as estratégias que são usadas, destacam-se a oralidade, a observação e a prática da preparação, que permitem a construção cognitiva dos seus saberes. Via de regra, a oralidade é combinada a uma outra forma de aquisição. Sobre esse aprendizado, Machado (2012) argumenta que a interiorização do conhecimento ocorre através do olhar, da imitação e do ajudar, cujo saber compartilhado é tomado como marca de pertencimento.

Segundo Boruchovitch e Santos (2001), as estratégias de ensino são ações mentais e comportamentos que as pessoas utilizam durante a aprendizagem e que interferem no resultado final. São procedimentos, atitudes e comportamentos para que se realizem atividades específicas de aprendizagem visando alcançar determinadas metas. Para tanto, é fundamental que o (a) aprendiz participe ativamente do processo, pois este aprende mediante o conhecimento que produz. As estratégias de ensino são, portanto, importantes ferramentas no processo educativo dos saberes tradicionais dos povos da Amazônia.

De acordo com Moreira (2015), as estratégias de ensino são comportamentos, atitudes e técnicas voltadas para o aprendizado. Envolve as ações cognitivas de armazenamento e recuperação dos saberes aprendidos. Focam nos processos psicológicos para que determinadas aprendizagens ocorram. Para Pozo (1996) essas estratégias contribuem para que o sujeito selecione dentre algumas informações, apenas as que julgar mais relevantes, selecionando-as e memorizando-as por muito tempo (SILVA *et al.*, 2019; MACHADO, 2012).

Outro aspecto importante é que a produção de conhecimentos sobre fitoterápicos,



sobretudo em coletivo de mulheres, como já argumentam Maneschy (2001) e Flor e Barbosa (2015), estabelece uma rede de sociabilidade, marcada pelo cuidado mútuo que promove encontros, dissemina informações e criam senso de integração e identidade social, além de produzir relações sociais, afetivas e familiares que muitas vezes transcendem o próprio grupo de trabalho. O resultado dessas relações de cuidado é o aprendizado e a garantia da manutenção dos saberes locais.

Entretanto, há o perigo do conhecimento sobre fitoterápicos se perder com o tempo, uma vez que se concentra nas pessoas mais idosas da comunidade, caso não haja a reprodução dessas informações às novas gerações (LOPES; FACCO; CAMPOS, 2016). Para Mera *et al* (2018) há desinteresse dos jovens das comunidades tradicionais, em assimilar ou compartilhar o conhecimento sobre fitoterápicos às futuras gerações.

Segundo Geertz (1997), os saberes locais existem na forma de cultura popular manifestando-se em mitos, tabus, crenças, rituais, práticas, atitudes, experiências e tecnologias, como é o caso da produção dos fitoterápicos. Mas, em muitos casos, estes saberes são marginalizados pelos conhecimentos científicos, dos quais a escola formal é um dos seus maiores representantes. Deste conflito entre saberes, emerge a seguinte problemática: qual tem sido o papel da escola, sobretudo, a da comunidade, na disseminação do saber local produzido pelos povos tradicionais da Amazônia?

Para Basílio (2006), a escola precisa entrar em contato com as comunidades, através dos professores, para recolher e sistematizar o saber local, o saber histórico e o saber cultural. As pessoas das comunidades detentoras do saber tradicional disponibilizarem seus conhecimentos que seriam potencializados pela escola. Com isto, o conhecimento escolar deixaria de ser desconectado da realidade e passaria a ser um saber cultural cheio de significado para os sujeitos. Estes dois conhecimentos precisam ser integrados pela escola porque são importantes para o desenvolvimento das habilidades dos sujeitos aprendentes.

Como um saber local, o uso dos fitoterápicos demonstra pertencimento à natureza, gera respeito à cultura tradicional e garante que estes saberes não sejam perdidos ao longo do tempo. A inter-relação de saberes e práticas cria identidades, valores e ações solidárias na relação com a natureza e dos indivíduos entre si. Por isso, é importante valorizar as sabedorias tradicionais, pois esses conhecimentos irão orientar a construção de uma sociedade



sustentável (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto procurei demonstrar a relação entre educação e cultura operando a partir do conceito de pedagogia cultural. Leituras de textos e de mundo nos permitem concluir que há um processo educativo intercultural na produção de fitoterápicos em comunidades tradicionais na Amazônia, especialmente mobilizados por mulheres.

Há, neste contexto, a produção e compartilhamento de conhecimentos, saberes e práticas sobre fitoterápicos que são coletivos, holísticos e especializados que precisam ser mantidos e valorizados. Em vista disso, é importante estudar, reconhecer e dar visibilidade aos saberes dos povos e comunidades tradicionais, cujas implicações não são apenas na saúde, mas também pedagógicas, uma vez que educam enquanto cuidam. Termino este texto dizendo que é muito importante a manutenção desses saberes por que representa a própria manutenção da sua identidade como grupo social, relacionando-se às suas histórias, tradições culturais e cosmovisões.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Waldiléia R. S. **No vai e vem das marés, o movimento da vida**: mulheres, família e trabalho na Ilha de Quianduba, Abaetetuba/PA. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia.). Belém: UFPA, 2016.
- ANDRADE, Paula D. de; COSTA, Marisa V. **Usos do conceito de pedagogias culturais em pesquisas dos Estudos Culturais em Educação**. *Textura*, v. 17 n.34, Mai./ago.2015.
- BADKE, Marcio Rossato *et al.* **Plantas Mediciniais**: O Saber sustentado na prática do cotidiano popular. *Escola Anna Nery* (impr.) jan-mar; nº 15, 132-139, 2011.
- BADKE, Marcio Rossato *et al.* **Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais**. *Texto & Contexto Enfermagem*, vol. 21, núm. 2, abril-junho, pp. 363-370, 2012.
- BASÍLIO, Guilherme. **Os Saberes Locais e o Novo Currículo do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.
- BORUCHOVITCH, E.; SANTOS, A. A. A. **Escala de avaliação de estratégias de aprendizagem para crianças de ensino fundamental**. Bragança Paulista: USF, 2001.



CÂNCIO, Raimundo N. P.; ARAÚJO, Sônia Maria. **Educação Escolar, Saberes Culturais e Práticas Educativas dos Rezadores de Almas na Amazônia.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, n. 4, p. 1864-1884, 2016.

CARDOSO, Denise Machado. **Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia Brasileira.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto 2007.

CASTRO, Marta Rocha de; FIGUEIREDO, Fábio Fonseca. **Saberes Tradicionais, Biodiversidade, Práticas Integrativas e Complementares: O Uso de Plantas Medicinais no SUS.** Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, Hygeia, nº 15 (31): pp 56 - 70, Março/2019.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHAVES, Tahnity Haarad Moura. MANESCHY, Rosana Quaresma. BARBOSA, Wagner Luiz Ramos. SANTOS, Amanda Rayana da Silva. **Fitoterapia Popular e Alimentação Saudável com um grupo de mulheres erveiras e a juventude local de Marudá-Pará.** Cadernos de Agroecologia Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018.

DIEGUES. A. C (org.), ARRUDA, R. S. V., SILVA, V. C. F., FIGOLS, F. A. B. e ANDRADE, D. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil.** São Paulo: PROBIO-MMA/CNPq, 1999.

FLOR, A.S.S.O. BARBOSA, W.L.R. **Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do Sossego no Distrito de Marudá-PA.** Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Campinas, v.17, n.4, supl. I, p.757-768, 2015.

GEERTZ, Clifford. **O saber local.** 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

GIRALDI, Mariana; HANAZAKI, Natalia. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão.** Florianópolis, SC, Brasil. Acta Botânica Brasileira, nº 24(2): 395-406, 2010.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

IMBERNÓM, F. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIMA, Ana Gabriela Morim de *et al.* **Práticas e Saberes sobre Agrobiodiversidade: A contribuição dos Povos Tradicionais.** Brasília, IEB Mil Folhas, 2018.

LOPES, Gilvanice S. F.; FACCO, Jonicley A.; CAMPOS, Arnaldo G. de. **O conhecimento popular sobre plantas medicinais e a interface com o ensino de ciências.** III CONEDU, pp. 1-5, 2016.



MACHADO, J. S. **Lugares de gente: mulheres, plantas e rede de troca no delta amazônico.** (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2012.

MANESCHY, Maria Cristina. *Múltiplas Atividades Femininas nas Estratégias de Reprodução Social de Famílias de Pescadores.* In: COSTA, Maria José Jackson (Org). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências da pesquisa.** Belém: EdUFPA, 2001, p. 165-196.

MERA, Jackeline Cristel Elizabeth *et al.* **Conhecimento, Percepção e Ensino sobre Plantas Medicinais em duas Escolas Públicas de Benjamin Constant – AM.** Experiências em Ensino de Ciências v.13, n.2, 2018.

MODRO, Anna Frida Hatsue *et al.* **Importância do conhecimento tradicional de plantas medicinais para a conservação da Amazônia.** Cadernos de Agroecologia. Vol 10, Nº 3 de 2015.

MOREIRA, Ana Elisa. **A Importância do Ensino das Estratégias de Aprendizagem aos alunos do Ensino Fundamental.** XII Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2015.

MOTTA, Maués. ANGÉLICA, Maria . **Trabalhadeiras e Camarados: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade Amazônica.** Belém: UFPA, 1993.

POZO, J. I. Estratégias de aprendizagem. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SANTOS, Maria Roseli Sousa . **Entre o Rio e as Artes: uma cartografia dos saberes artístico-culturais emergentes das histórias de vida em Caratateua.** Dissertação (Mestrado em Educação). Belém,: UEPA, 2005.

SHIVA, Vandana. **Biodiversidade e Conhecimento Popular.** In: Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Tradução de Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVA, Thais L. S. da *et al.* **Conhecimentos sobre Plantas Medicinais de Comunidades Tradicionais em Viseu/Pará: Valorização e Conservação.** Ver. Bras. Agroecologia. Vol. 14, Nº. 3, p. 72-83, 2019.

TEIXEIRA, Elizabeth *et al.* **Cuidados com a saúde da criança e validação de uma tecnologia educativa para famílias ribeirinhas.** Rev. Bras. Enfermagem, Brasília, 2011 nov-dez; 64(6): 1003-9.

TOLEDO, Victor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural: A Importância Ecológica das Sabedorias Tradicionais.** São Paulo: Expressão Popular, 2015